Um projeto
UMCOLETIVO:
Bruno Caracol, **Cátia Terrinca**, **João P. Nunes**,
Raquel Pedro e **Ricardo Boléo**

Com a colaboração de
Liliana Ferreira / Atelier da Serafina

Design de comunicação
atelier-do-ver

Apoio à produção
Casa Fernando Pessoa

UMCOLETIVO é uma associação cultural, fundada em 2013 e com sede em Portalegre, que desenvolve atividades no âmbito da criação e programação artísticas, tendo como eixos essenciais o teatro, a performance e a palavra - onde transversalmente se encontra uma ideia de reescrita, de tempo real e de voz.

www.umcoletivo.pt · geral.umcoletivo@gmail.com · 935 039 151

Outros conteúdos

casafernandopessoa.pt

Casa Fernando Pessoa
MUSEU DE LITERATURA

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
30 SET 2023 — 21 JAN 2024

A mais terna ilusão (revisited)

EGEAC

UMCOLETIVO associação cultural

A mais terna ilusão (revisited), de UMCOLETIVO, é uma proposta de entrada em *O Marinheiro*, drama estático que Fernando Pessoa escreveu em 1913. Publicado no primeiro número da revista *Orpheu* em 1915, é o único texto para teatro que Pessoa deixou acabado. Foi com um espetáculo a partir de *O Marinheiro* de Pessoa que UMCOLETIVO se estreou há 10 anos, quando a peça fazia 100. Agora, passada uma década, UMCOLETIVO revisita o seu espetáculo e volta a *O Marinheiro* com a criação de uma instalação em que o visitante-espectador se relaciona fisicamente com a palavra.

Casa Fernando Pessoa

Sobre *O Marinheiro*

Definido pelo autor, Fernando Pessoa, como "drama estático em um quadro", *O Marinheiro* desenha, num ambiente de mistério, a madrugada de três veladoras que, perante a morte, vão desfiando conversas em que das angústias várias surge um conflito fundamental entre sonho e vida, que atormenta as mentes e os pensamentos de três donzelas. Uma delas descobre, no horizonte, a história de um marinheiro – que, então, alimenta horas de questionamento e dúvida: será verdade o sonho ou os dias?

Sobre *A mais terna ilusão*

A mais terna ilusão é o texto dramático que Ricardo Boléo escreveu a partir de um laboratório dramatúrgico que partilhou com Cátia Terrinca, em que ambos escreveram a partir de *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa. O texto expõe um corpo que não sabe se a identidade que tem é uma ilusão ou é ela própria e, então, reproduz partes de si, como gritos ou anseios ou palavras ocas, desfiando como ação todo e cada gesto – são gestos de procura; de um corpo que quer tocar-se, para saber que é matéria e não sopro, que é de verdade e não dos sonhos. A génese desta proposta é, sem dúvida, a palavra, a palavra sensorial – sempre e quando ela tenha a capacidade de tocar. A palavra é palpável, concreta, íntima. De tal forma carnal, que ela própria seja corpo e torne os sonhos tão inflamáveis como a carne.

"uma instalação na mente de quem a lê: tipo self service,
quase teatro sem sair da poltrona da sala e sem o intermédio
de quem quer que seja (e enquanto Pessoa falava na Brasileira
sobre este texto, o Mário escrevia: "eu não sou eu nem sou o outro,
sou qualquer coisa de intermédio", e o jovem menino de olhos na cabeça,
o José, desenhava o imenso vestido onde todas as veladoras e sonhos
"e tudo" coubesse, como num saco- cama)."

Luísa Monteiro

Investigadora, escritora e dramaturga, dedica-se ao estudo da obra de Fernando Pessoa.

A mais terna ilusão (revisited) poderia ter começado nestas palavras porque nelas moram dois dos pilares deste projeto. A ideia de *instalação*, que abriu caminho para amplificar a potência do teatro estático (teatro no qual os atores estão imóveis e a expressão é colocada na entoação das palavras). E a ideia de *ser qualquer coisa de intermédio*, esse lugar para o qual convocamos, agora, o espectador. *A mais terna ilusão (revisited)* é o gesto impossível de convocar o passado a ser futuro. Como um movimento que quer curvar a linearidade do tempo.

Mas, recuemos: em 2013, Cátia Terrinca e Ricardo Boléo partiram da leitura de *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa, para a criação de um espetáculo: *a mais terna ilusão*. Segundo Eugénia Vasques, este monólogo era "subtil, inteligente e belo, com Cátia Terrinca a contracenar com o Silêncio e a Luz!".

Ao mesmo tempo que estreava *a mais terna ilusão* fazia-se o registo formal do UMCOLETIVO, o projeto fundado por Boléo e Terrinca. O espetáculo acabava assim por se aproximar de um manifesto inaugural e abriu espaço para a exploração de uma gramática de cena que, ainda hoje, define o percurso performativo da estrutura.

Hoje, celebrando o décimo aniversário do UMCOLETIVO e repensando o mesmo texto, onde tantas questões germinaram, entendemo-lo como um útero repleto de dúvidas e angústias; a atmosfera aqui convoca também o espectro da atriz, colocando o espectador no lado de dentro, à procura do corpo que ouve mas não vê, nem cheira, nem sente. Procuramos, como escreveu há dez anos Rui Monteiro, "a solidão dos sonhadores", só que desta vez abandonamos o espectador a sós com a imaginação – a sua e a nossa –, de mão dada com a voz e dentro de um lugar uterino de alcatruzes. Cada palavra é uma armadilha: verdade no sono ou no sonho?